

A escrita de autoria feminina na literatura nigeriana: deslocamento e pertencimento em *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie

Female Authorship in Nigerian Literature: Displacement and Belonging in Americanah
by Chimamanda Ngozi Adichie

Submetido em: 10/09/2024

Aceito em: 20/11/2024

Stela Saes¹

Resumo: O romance *Americanah* (2013) apresenta a protagonista, Ifemelu, que em busca do “sonho americano” enfrenta múltiplos conflitos, obstáculos e diferenças que provocam mudanças de perspectivas sobre o que é ser mulher, negra e imigrante, entre outras identidades. Diante do referido contexto, este artigo busca suscitar algumas reflexões sobre o lugar da mulher e a configuração histórica e material que partem das experiências narradas. Para realizar a análise crítica, a base metodológica central será composta pela teoria do materialismo histórico dialético e da relação entre literatura e sociedade.

Palavras-chave: Literatura nigeriana; Mulheres; Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*; Materialismo histórico.

Resumen: The novel *Americanah* (2013) introduces the protagonist, Ifemelu, who, in pursuit of the "American Dream," encounters numerous conflicts, obstacles, and cultural differences that lead to shifts in her perspectives on what it means to be a woman, a black individual and an immigrant, among other identities. Considering this context, this article seeks to provoke reflections on the position of women and the historical and material conditions shaped by the experiences narrated in the text. To justify the critical analysis, the central methodological basis will be composed of the theory of dialectical historical materialism and the relationship between literature and society.

Palabras clave: Nigerian literature; Women; Chimamanda Ngozi Adichie; *Americanah*; Historical materialism.

Considerações iniciais

Quando Chimamanda Ngozi Adichie publicou *Americanah* em 2013, seu mais recente romance, já era reconhecida no âmbito literário por conta, não apenas por seus outros textos bem recebidos e premiados – como *Half of a Yellow Sun* e *Purple Hibiscus*² – mas também por suas declarações, posicionamentos e apresentações em

¹ Doutora em Letras (Est. Comp. de Liter. de Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo. E-mail: stelasaes@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1399489912142103>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3741-6061>

² *Half of a yellow sun* de 2006 (traduzido no Brasil como *Meio sol amarelo* e publicado pela Companhia das Letras em 2008) não é o romance de estreia da autora, mas já ganhou uma adaptação para os cinemas em 2013, além de receber o prêmio *Orange Prize* de literatura. Já *Purple hibiscus* de 2003 (*Hibisco Roxo*, publicado em 2011), marca o início da carreira da escritora que ainda lançou uma coleção de contos intitulado *The thing around your neck* (2009) (No Brasil, *No seu pescoço*) e teve sua obra traduzida em mais de trinta idiomas. *Americanah* é o último romance de Chimamanda, editado no

plataformas digitais (como suas conferências no TedTalks³ que, posteriormente, também foram editadas em livros). Nesse sentido é uma escritora nigeriana contemporânea que se destaca em cenário internacional e, atingindo assim um grande público, traz uma narrativa que desperta reflexões muito pertinentes sobre o continente africano, a condição da mulher, da religião, da imigração e, sobretudo, da totalidade da experiência humana que dialoga com as condições e contradições de seu tempo histórico.

A própria escritora vive, hoje em dia, entre os Estados Unidos e a Nigéria, sendo que grande parte de sua obra ficcional é marcada também por esse deslocamento, que não é somente de espaço, mas, especialmente, entre identidades. A forma como a protagonista de *Americanah* – Ifemelu – se depara com as questões de classe, gênero e raça são definidas e redefinidas a partir de sua mudança para o continente americano, aos dezoito anos de idade, à procura de oportunidades de estudo e trabalho, construídas pelo “sonho americano”, temática anunciada desde o título da obra, que remete, automaticamente, ao contexto dos Estados Unidos da América⁴.

Sobre esse aspecto, o “sonho americano” pode ser entendido como um conceito central na cultura do país norte-americano, entendido como a crença de que qualquer pessoa, independentemente de sua origem social, raça, gênero e classe, pode alcançar o sucesso e a prosperidade econômica, bastando, para isso, trabalhar e ser determinado. Essa ideia, ainda bastante em voga, já era discutida desde o início do século XX, quando Max Weber, em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1905), salienta de que modo o protestantismo colaborou para a construção do ‘sonho americano’, pois foi justamente uma certa moralidade cristã que inclinou os indivíduos ao “espírito” capitalista.

Diante disso, revela-se um dos temas centrais da obra da nigeriana: a busca pelo ‘sonho americano’ e como esse objetivo atravessa as subjetividades e a condição material de vida da protagonista, que relata suas impressões no formato digital do *blog*, enquanto também acompanhamos, como leitores do romance e da escrita da personagem, as experiências e observações sobre raça, gênero e identidade. São

Brasil em 2013. Os direitos do livro já foram comprados para uma futura produção cinematográfica baseada na história.

³ Suas conferências no canal *TEDTalks* são nomeadas “The danger of a single story” de 2009 e “We should all be feminist” de 2013. Ambas foram transformadas em texto e traduzidas no Brasil.

⁴ Na edição utilizada para este artigo, de 2013 da editora Companhia das Letras, a capa do livro também remete ao país norte-americano, por trazer como cores o azul, branco e vermelho, correspondentes às da bandeira nacional. Outras edições posteriores alteraram a ilustração e cores da capa.

justamente tais análises, que emergem da obra literária, que serão discutidas neste artigo, com o intuito de ponderar questões que envolvem a trajetória contínua de deslocamento e pertencimento de Ifemelu e de que forma suas contribuições podem reverberar em outras experiências de mulheres negras na diáspora.

Ifemelu: a trajetória de uma personagem entre o sonho e realidade material

O romance *Americanah* traz, como enredo central, a história de amor entre Ifemelu e Obinze, um casal que se conhece, ainda adolescente, em Lagos nos anos 90, um período bastante conturbado politicamente para a Nigéria. É justamente essa instabilidade que afeta os estudos universitários das personagens e altera profundamente o rumo de suas histórias. Com a faculdade em greve por longos meses e uma certa condição material e de formação que possibilita mudanças (o casal e todo seu círculo familiar e de amigos pertence a uma classe média nigeriana, urbanizada e escolarizada, com algumas diferenças entre si, mas financeiramente capacitada para mudanças de continente), Ifemelu consegue uma bolsa na Filadélfia. Obinze, por sua vez, não tendo o visto americano, muda-se, anos mais tarde, para Londres. Os dois ficam separados por muitos anos e a história do romance se desenvolve, especialmente, durante esse período. Dessa maneira, vale a ressalva, que a narrativa já subverte a tradicional representação romântica ao evidenciar o período em que o casal está distanciado e separado, retratando suas trajetórias individuais, ou seja, não há um ideal romântico em questão como mote principal do livro.

Logo, o que acontece, não apenas na vida de Ifemelu, mas também na própria narrativa, é que o seu romance com Obinze fica em segundo plano, diante de tantas outras questões - identitárias, materiais, de gênero, raça e migratórias - que surgem para a protagonista nos Estados Unidos. O livro, aliás, inicia com a própria protagonista já, em certa medida, preparada para seu regresso à Nigéria e na expectativa de rever Obinze após quinze anos com grandes mudanças de vida. O impacto, no entanto, faz o narrador – majoritariamente colado à perspectiva dela – utilizar o recurso de *flashback*, através do qual o leitor pode se deparar com todos os entraves que levaram a personagem ao salão de beleza para trançar seus cabelos pouco antes de seu regresso à terra natal.

É interessante notar que, desde esse início, há uma imagem forte que remete à identidade negra e à simbologia do pertencimento; trançar os cabelos. Para além de um

código estético, remete à história de resistência para mulheres por meio da ancestralidade. Sobre esse aspecto, a professora e pesquisadora Nilma Lino Gomes (2017), considera o contexto afro-brasileiro em sua obra *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* e afirma o quanto o cabelo é entendido como corpo social e linguagem, além de veículo de expressão e símbolo de resistência cultural em meio a uma sociedade construída por bases racistas. Apesar do distanciamento geográfico da pesquisa de Gomes, é possível encontrar semelhanças com o contexto afro-americano – espaço em que se passa a história de Ifemelu – em razão de que, para a protagonista do livro, sair dos Estados Unidos e retornar à Nigéria com o cabelo trançado, revelava uma marca identitária relevante de pertencimento e uma reaproximação com sua origem nigeriana.

Desse modo, após essa cena simbólica que origina o *flashback* inicial, somos guiados, como leitores, para o período da adolescência da protagonista, quando a ideia de viver o sonho americano e buscar um futuro nos Estados Unidos já era compartilhada entre os amigos de Ifemelu e Obinze ainda durante o ensino médio, em Lagos, maior cidade do país. Sob esse viés, almejar a mudança para o lugar que representa, desde o início do século XX, a materialização de uma vida plena, que vende a ideia de pluralidade, oferta e promessa de grandes oportunidades e crescimentos pessoais e profissionais era a principal conquista de *status* social para a geração de Ifemelu, uma imagem norte-americana caracterizada e idealizada para muitos nigerianos. E, diante desse contexto, Ginika, uma das colegas do casal, recebe a notícia de que irá para os Estados Unidos com sua família. Nesse momento, o termo *americanah* é explicado: uma maneira de caracterizar o sotaque daqueles que viveram fora e que retornam à Nigéria por diversos motivos.

“Ginika, vê lá se vai conseguir conversar com a gente quando voltar”, disse Priye.

“Ela vai voltar uma tremenda *americanah*, que nem a Bisi”, disse Ranyinudo.

Todas urraram de rir com a palavra *americanah*, enfeitada de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava. (Adichie, 2014, p. 74)⁵

⁵ “Ginika, just make sure you can still talk to us when you come back,” Priye said.

Desse modo, a palavra, que origina o título do romance, é também o resumo de uma identidade desconstruída e reconstruída. Ser estrangeira, pertencer a uma comunidade e se expressar através da linguagem⁶, faz com que a *americanah* seja aquela que não mais se encaixa em terras nigerianas, tampouco em americanas. Além de ser motivo de chacotas, é também percebida como estranha pelos demais. Com essa abordagem, verifica-se o quanto é necessário se adaptar às demandas, inclusive da linguagem, para construir identidades em espaços sociais e consolidar um percurso narrativo.

Em breve, no enredo, chegará também o momento de Ifemelu ser estrangeira, imigrante e viver todos os deslocamentos espaciais vividos pela maioria das personagens. Desse modo, uma perspectiva possível de análise sobre o romance perpassa também os trajetos subjetivos, já que será necessário, diante de novas realidades, entender os deslocamentos pelas perspectivas materiais e identitárias, pois não é apenas o sonho de uma vida melhor, em termos concretos, que está em jogo, mas uma experiência de autorrealização, muito colada a visão de indivíduo como aquele que busca satisfazer suas necessidades e expressar seus interesses próprios a partir de uma determinada liberdade, que aparenta ser descolada da relação comunitária, todavia, é inerente a ela.

É justamente tal experiência que serve como mote do livro, pois a trajetória da personagem é moldada e camuflada pelo próprio sistema capitalista, que, primeiro, tem a função de igualar os objetivos e sonhos individuais para que todos almejem uma única forma de sucesso; e, como segundo conflito, também transforma aspirações e desejos em passos intransponíveis e condicionados, muitas vezes, aos fracassos de outrem. Por esse ponto de vista, todo o romance de Chimamanda e as narrações da protagonista ao longo do enredo questionam a ‘fabricação’ dos sonhos no capitalismo e a função da realização individual no interior das sociedades de classe e no pertencimento a uma coletividade e uma nação.

Aliás, esses são todas temáticas muito caras à crítica marxista de forma geral. Como exemplo, a relação entre indivíduo e coletividade parece ser uma máxima

“She’ll come back and be a serious Americanah like Bisi,” Ranyinudo said.

They roared with laughter, at that word “Americanah”, wreathed in glee, the fourth syllable extended, and at the thought of Bisi, a girl in the form below them, who had come back from a short trip to America with odd affectations, pretending she no longer understood Yoruba, adding a slurred r to every English word she spoke. (Adichie, 2013, p. 65)

⁶ No caso, o inglês como língua oficial de ambos os espaços e que se distingue pelo sotaque, já diagnosticado pelos personagens

preterida nesse universo. Porém, é importante retomar que, para Marx: “o livre florescimento dos indivíduos é o objetivo primeiro de sua política, desde que recordemos de que esses indivíduos precisam descobrir alguma forma de florescer em conjunto” (Eagleton, 2012, p. 74).

Em meio a essa contradição, Ifemelu parte da Nigéria para os Estados Unidos em uma busca que parecia ser individual e colada à perspectiva de ascender socialmente, mas se torna uma experiência de autorrealização, que necessita da prerrogativa de um pertencimento a uma comunidade, para, inclusive, tornar vital sua própria existência e sobrevivência, além de ser um eixo que a liga a sua própria sociedade, que agora está distante geograficamente. O dilema, no entanto, não se resolve para a personagem até o fim do romance e com seu retorno à Nigéria e a Obinze. Porém, mais do que resultados e afirmações individuais e meritocráticas dentro do sistema capitalista, o intuito da obra é evidenciar as contradições justapostas nas constantes buscas por afirmação, aceitação e identificação em meio a tantos deslocamentos.

Por esse prisma das viagens – tanto subjetivas quanto objetivas -, os contornos geográficos no romance de Chimamanda são nações: Nigéria, Estados Unidos e Inglaterra; locais onde há uma intrínseca relação que acontece tanto pelo uso do inglês como língua oficial quanto como pelos processos históricos de colonização, já que os países africano e americano foram colônias inglesas sob diferentes contextos de exploração. A libertação das colônias inglesas era uma questão, inclusive, muito problemática para Marx e Engels no contexto anticolonialista do período em que viveram e que condiciona as existências de colonizados e colonizadores (Eagleton, 2012, p. 182). Nesse mesmo sentido, há uma dupla dominação das potências sobre a Nigéria, já que, é importante lembrar que a Inglaterra, berço da Revolução Industrial e do capitalismo durante o século XVIII, já explorava seus territórios africanos como força e matéria-prima de seus avanços industriais; e, mais tarde, já no século XX e XXI, quando Ifemelu e Obinze e outros tantos nigerianos tornam-se imigrantes, serão os Estados Unidos o maior símbolo mercantil, local onde o sonho da inserção social e da realização pessoal escondem os limites materiais que, inclusive, continuam a subjugar nações africanas em relações de poder e produção.

Cabe ressaltar, sobre esse aspecto, que a tríade entre Nigéria, Estados Unidos e Inglaterra é também vivida pela própria autora, pois Adichie, nascida em Enugu, cresceu e estudou em Nsukka até se mudar para o país americano, no estado da

Filadélfia, com o intuito de estudar comunicação e ciências políticas, direcionando-se, posteriormente, para o mestrado em escrita criativa, artes e estudos africanos. É possível, então, afirmar ecos entre uma experiência autoral com a da protagonista de seu quarto romance, sendo que a Inglaterra sempre permanece como um elo linguístico, colonial e de referência, tanto para Ifemelu quanto para Chimamanda.

E, assim, além da conotação da autoficção⁷, há representações históricas relevantes que impactam na trajetória da personagem. A própria questão histórica da libertação da Nigéria dos domínios ingleses, por exemplo, mesmo estando alheia ao cerne do romance, é pertinente a sua contextualização. Sobre isso, vale ressaltar o quanto a independência, em 1960, proporcionou o fortalecimento de uma burguesia nacional fortemente atrelada às tensões já existentes entre Ibos, Iorubás e Hauças⁸. Em um país que passou de colônia para república federativa por meio de guerras e disputas ideológicas e políticas, levar em consideração tais aspectos é relevante para estruturar o próprio deslocamento espacial da personagem.

Já no período em que se inicia a história, que coincide com a década de 1990, quando a Nigéria era marcada por um regime militar assolado de crises políticas e econômicas que refletiam diretamente na formação universitária de Ifemelu e seus colegas, com greves de professores e mudanças relevantes para o cenário do país. A instabilidade leva vários estudantes a cogitarem alternativas que recaíam, especialmente, em se mudar para Estados Unidos e Inglaterra:

As greves agora eram comuns. Nos jornais, os professores da universidade listavam suas reivindicações e os acordos que eram destruídos por membros do governo cujos filhos estudavam no exterior. As universidades ficaram vazias, as salas de aula sem vida. Os alunos torciam por greves curtas, pois sabiam que seria impossível não haver greve nenhuma. Todos estavam falando em ir embora do país. (Adichie, 2014, p. 109)⁹

⁷ O termo utilizado aqui faz referência ao conceito criado por Serge Doubrovsky em 1977, quando escreve seu romance *Fils*, diferenciando a autobiografia, como aquela fiel desde as origens, da autoficção, um gênero que recorta as faces da história de acordo com aquilo que o romance pode se apropriar.

⁸ Ibos, Iorubás e Hauças são as principais etnias existentes no território que hoje compreende a Nigéria. Após a independência, tais sociedades ainda protagonizaram guerras por territórios e poder. (Falola, 2008). As personagens do romance de Chimamanda são, predominantemente, de origem Ibo (ou igbo) que é a mesma da autora.

⁹ Strikes now were common. In the newspapers, university lectures listed their complaints, the agreements that were trampled in the dust by government men whose own children were schooling abroad. Campuses were emptied, classrooms drained of life. Students hoped for short strikes, because they could not hope to have no strike at all. Everyone was talking about leaving. (Adichie, 2013, p. 98)

O trecho acima comprova a máxima de que “Todos falavam sobre deixar a Nigéria”. naquele período. Deixar a país, portanto, era também uma decisão política, em sua conotação mais ampla, já que estava ligada a produzir uma condição de vida material satisfatória e realizar sonhos, inclusive o casamento. Eram esses os planos de Obinze e Ifemelu. Para ela, a saída da Nigéria poderia ser mais facilitada, já que sua tia Uju residia no país americano e a língua não seria uma fronteira. A princípio, a essa altura do romance, seu namorado Obinze também conseguiria o visto e uma vaga posteriormente.

No entanto, entre as mais diversas mudanças de espaço e transformações identitárias, que são trabalhadas no romance, a personagem de Ifemelu é a que mais vai sofrer com tais reviravoltas ao longo da narrativa, muitas vezes de forma abrupta. A protagonista, inclusive, pouco tempo teve para refletir sobre suas aspirações na mudança de país e não distinguia, tão acertadamente, suas necessidades individuais, na organização de sua vida com Obinze, sua família e seu país. O visto americano e a bolsa em uma faculdade da Filadélfia vieram rapidamente; no próprio texto literário não há uma passagem de tempo significativa entre as provas de bolsa para as universidades americanas, o pedido de entrada do visto e sua efetiva decisão de mudança, que parece ter sido muito mais moldada que sonhada.

(...) She took the SATs at a Lagos centre, packed with thousands of people, all bristling with their own American ambitions. (...) The strike ended. Ifemelu returned to Nsukka, eased back into campus life, and from time to time, she dreamed of America. When Aunt Uju called to say that there were acceptance letters and a scholarship offer, she stopped dreaming. She was too afraid to hope, now that it seemed possible. (Adichie, 2013, pp. 99-100)¹⁰

Assim, é possível observar que, desde aos exames admissionais para as universidades americanas até a concretização da saída de seu país, há uma mudança significativa de perspectivas e esperanças. Os próprios sonhos americanos – mencionados no trecho acima - que não eram tão próprios, individuais ou especiais como pareciam ser (mas tantas vezes fabricados), já revelam uma mudança da personagem, que enxerga, na possibilidade de, enfim, emigrar, o medo. E foi com esse

¹⁰ (...) Ela fez os exames para as faculdades norte-americanas num centro de Lagos, lotado de gente comichando com suas ambições americanas. (...) A greve acabou. Ifemelu voltou a Nsukka, acomodou-se de novo na vida no campus e, de tempos em tempos, sonhava com os Estados Unidos. Quando tia Uju ligou para contar que haviam chegado cartas aceitando-a na universidade e uma oferta de bolsa, ela parou de sonhar. Estava com medo demais de ter esperanças, mas agora tudo parecia possível. (Adichie, 2014, p. 111)

novo sentimento que Ifemelu partiu para os Estados Unidos.

Como a busca pela colocação no país estrangeiro deve, obrigatoriamente, se dar através do emprego primeiramente, com Ifem (a partir deste momento, a personagem será chamada também pelo seu apelido, assim como é tratada no livro) não será diferente. Recebida pela tia Uju e seu filho Dike em Nova Iorque e depois como estudante da Filadélfia por colegas de faculdade como Ginika – a nigeriana já ambientada nos Estados Unidos – a protagonista passa por situações muito difíceis, constrangedoras e problemáticas na busca de seu primeiro emprego, que vão fazê-la questionar seu lugar no mundo, sua raça e sua condição de mulher.

Desde sucessivas entrevistas em cafés, restaurantes e casas de família, passando por documentos falsificados que permitiam mais horas de trabalho, até transformações estéticas como alisamentos no cabelo e, mais gravemente, uma situação de assédio sexual pela qual foi submetida, Ifem percebe, de formas extremas, a dificuldade de pertencer à classe trabalhadora americana. Como precisa de dinheiro para pagar parte dos estudos e manter sua vida nos Estados Unidos, o trabalho, para ela, precisa ser um meio para alcançar seus objetivos. No entanto, a sobrevivência passa a ser o principal intuito de sua vida e os dias parecem perdurar com muita dificuldade ao longo da narrativa. É durante esse seu período mais crítico no país que ela desconstrói as principais ideias sobre si mesma e se afasta cada vez mais de Obinze de toda sua identidade nigeriana. Além disso, vale ressaltar a violência sofrida pela protagonista no episódio de exploração sexual ao qual ela é submetida, o que, definitivamente, traz um trauma relevante sobre o qual o distanciamento de seu par romântico e a crise identitária afetam de forma drástica a experiência da personagem.

Quando finalmente é contratada como babá na casa de Kimberly, Ifemelu passa a se integrar ao cotidiano e à cultura norte-americana, desenvolvendo, aos poucos, suas possibilidades de acomodação, transformação e rupturas com as lógicas de funcionamento com as quais se depara. É interessante notar, neste ponto, a relevância do trabalho para o desenvolvimento da personagem, pois é este fator que permite sua reestruturação pessoal e a possibilidade de refletir sobre as condições de raça, gênero e classe naquela sociedade. Dessa forma, o trabalho fornece as condições materiais necessárias para que Ifem possa se desenvolver a partir da identificação de ser uma negra não-americana (como ela mesma se intitula durante a criação do *blog*).

Sob esse papel, é latente a própria percepção de o quanto ela está à margem da sociedade e do sonho americano. A partir deste ponto, sua condição de nigeriana,

mulher, imigrante e negra - identidades colocadas continuamente em questão -, serão expostas no romance por meio das mais variadas experiências, como: conhecer os americanos e seus sentimentos de nacionalidade, sofrer racismo, se relacionar com homens brancos, entre outras vivências; aspectos que fazem com que Ifem comece a refletir sobre os papéis desempenhados naquela sociedade:

“Obrigada”. Ifemelu sentiu um desejo súbito e desesperado de ser do país onde as pessoas davam dinheiro, e não do país onde elas recebiam, ser um daqueles que tinham posses e que, portanto, podiam ser iluminados pela graça de ter doado, estar entre aqueles que tinham dinheiro para gastar em piedade e empatia copiosas. Ela foi para a varanda em busca de ar fresco. (Adichie, 2014, 185)¹¹

Essa percepção, entretanto, está longe de ocorrer de maneira simples, pois faz parte do processo de desconstrução e reconstrução de sua identidade, ainda mais afastada de sua família e tudo aquilo que a ajudou a compor seu valor de mundo. No trecho acima, há uma visível vontade da personagem em pertencer a outro universo, dos detentores de poder, daqueles que, com dinheiro em mãos, podem até doá-lo, como ato de bondade - ou vaidade -. À medida que há o desenrolar do enredo, no entanto, ela deseja se afastar de toda essa idealização, para enxergar a realidade de outro modo e se orgulhar por não pertencer ao mesmo mundo e país daquelas figuras que tanto a assombram e subjugam.

Aos poucos, a personagem se transforma e, observando o que está ao seu redor aliada à necessidade de documentar e registrar suas impressões, e vê crescer o desejo de compartilhar seu universo de sentidos com interlocuções com seu país de origem. Nesse ponto, nós, leitores, relembramos uma de suas características mais importantes – e um motivo pelo qual Obinze se apaixonou por ela na adolescência – o fato de Ifem ser o tipo de pessoa que parecia fazer algo porque queria e não porque os outros estavam fazendo. E foi esse traço de personalidade que a fez criar uma nova maneira de interação social: seu *blog*.

Desse modo, nasce “Raceteenth ou Observações diversas sobre negros americanos (feitas por uma negra não-americana)”, um diário de impressões que a auxilia no processo de configuração de sua identidade e no diálogo com a sociedade.

¹¹ “Thank you”. Ifemelu wanted, suddenly and desperately, to be from the country of people who gave and not those who received, to be one of those who had and could therefore bask in the grace of having given, to be among those who could afford copious pity and empathy. She went out to the deck in search of fresh air. (Adichie, 2013, p. 170)

Com postagens, por vezes muito polêmicas, ela irá refletir sobre machismo, racismo, imigração, pertencimento, relacionamentos e outros inúmeros fatores. Então, a partir desse momento, há, no romance, uma alternância entre a narrativa e os textos do *blog* de Ifemelu, sendo que os dois se complementam na construção da identidade da personagem e de seu posicionamento, pois, com isso, ela é capaz de assumir, cada vez mais, a consciência de seu percurso histórico. Em seus textos, carregados de ironia, sarcasmo e reflexões muito pertinentes, Ifemelu faz críticas, por exemplo, ao discurso sobre o quanto a sociedade norte-americana evoluiu nas questões raciais, comemorando o casamento inter-racial, por exemplo, ao passo que acrescenta que ela jamais daria um prêmio aos brancos por estarem combatendo algo que nunca deveria ter existido: a escravidão e suas consequências para as relações pessoais.

Já em outro texto de seu blog, a protagonista discute o privilégio branco existente na sociedade, tão mascarado por discursos de igualdade de uma sociedade americana (e que encontra ecos com os leitores e a sociedade brasileira):

Ele também disse para o Professor Bonitão: “Por que a gente sempre tem de falar em raça, aliás? Não podemos simplesmente ser humanos?”. E o Professor Bonitão respondeu: “É exatamente isso que é o privilegio dos brancos, o fato de você poder dizer isso. A raça não existe realmente para você, pois nunca foi uma barreira. Os negros não têm essa escolha. O negro que mora em Nova York não quer pensar em raça, até que tenta chamar um táxi, e não quer pensar em raça quando está dirigindo sua Mercedes dentro do limite de velocidade, até que o policial o manda parar. Por isso, o caipira do Apalaches não tem privilégio de classe, mas tem privilégio de raça com certeza”. O que você acha? Dê sua opinião, leitor, e compartilhe sua experiência, principalmente se não for negro.

P.S. O Professor Bonitão sugeriu que eu postasse isso, é um teste para ver se você tem o privilégio dos brancos, inventado por uma mulher muito legal chamada Peggy McIntosh. Se você responder não para a maioria das perguntas, então parabéns, você tem o privilégio dos brancos. (...) (Adichie, 2014, p. 375)¹²

O fato é que, ao se dar conta de tais perspectivas, Ifemelu reflete sobre todas as

¹² (...) He also said to Professor Hunk: Why must we always talk about race anyway? Can't we just be human beings? And Professor Hunk replied – that is exactly what white privilege is, that you can say that. Race doesn't have that choice. The black guy on the street in New Yor doesn't want to think about trace, until he tries to hail a cab, and he doesn't want to think about race when he's driving his Mercedes under the speed limit, until a cop pulls him over. So Appalachian hick guy doesn't have class privilege but he sure as hell has race privilege. What do you think? Weigh in, readers, and share your experiences, especially if you are non-black.

PS – Professor Hunk just suggested I post this, a teste for White Privilege, copyright a pretty cool woman called Peggy McIntosh. If you answer mostly no, then congratulations, you have white privilege. (...) (ADICHIE, 2013, p. 346)

questões pelas quais escreve e milita: todas estão fortemente atreladas às questões de raça, classe e gênero, sempre de forma imbricada, e postas a partir de um modo de vida prático, no sentido de pertencer a uma comunidade e exercer um papel dentro dela. Sob esse viés, perceber-se como negra não-americana, mulher e estudante nos Estados Unidos torna-se totalmente diferente de compreender as mesmas questões na Nigéria e, talvez, se não fosse por esse deslocamento de espaço, que implica em percepções materiais, ela não teria repensado tantas demandas subjetivas que a acompanhavam.

Quando Ifemelu finalmente retorna à Lagos, ela percebe uma Nigéria que está inserida na mesma lógica que vivenciava nos Estados Unidos: um *modus operandi* estritamente globalizado, modificado pela tecnologia, com a movimentação frenética e a internet impondo ritmo e necessidades culturalmente ocidentais àquela população. Por conseguinte, a primeira reação da personagem é a de estranhamento e, novamente, de não pertencimento.

No início, Lagos agrediu-a; a pressa aturdida pelo sol, os ônibus amarelos, repletos de corpos amassados, os ambulantes suados correndo atrás dos carros, os anúncios em cartazes gigantescos (e outros rabiscados nas paredes – BOMBEIRO LIGUE 080177777) e as pilhas de lixo que se amontoavam à beira da estrada como uma provocação. (...) Quando Ifemelu fora embora, só os ricos tinham celulares, todos os números começavam com 090 e as meninas queriam namorar os homens do 090. Agora, a moça que trancava seu cabelo tinha um celular, o vendedor de banana-da-terra, que cuidava de uma grelha empretecida, tinha celular, ela crescera conhecendo todos os pontos de ônibus e ruas laterais, compreendendo o código secreto do motorista e a linguagem corporal dos ambulantes de rua. (Adichie, 2014, pp. 415-416)¹³

Ao longo de toda a narrativa há, portanto, transformações da personagem evidenciadas pela relação com o espaço e com a construção de sua identidade. Tanto as utopias quanto os sonhos são constantemente desconstruídas devido às condições materiais que Ifemelu enfrenta – que não são poucas – durante sua trajetória romanesca. Tendo em vista sua história, é evidente que questionamentos sobre raça, gênero ou imigração se sobrepõem de diferentes formas no romance como um todo,

¹³ At first, Lagos assaulted her; the sun-dazed haste, the yellow buses full of squashed limbs, the sweating hawkers Racing after cars, the advertisements on hulking billboards (others rubbish on walls – PLUMBER CALL 0801777777) and the heaps of rubbish that rose on the roadsides lijke a taunt. (...) When she left home, only the wealthy had mobile phones, all the numbers started with 090, and girls wanted to date 090 men. Now, her hair braider had a mobile phone. She had grown up knowing all the bus stops the unspoken. (ADICHIE, 2013, p. 385)

porém, colocando ainda, na tessitura e no discurso da protagonista o fundamento de classe econômica atrelado a todas essas questões.

Há inclusive, na superfície da obra, uma constante tentativa de mostrar Lagos e parte da Nigéria compartilhando o mesmo sistema dos Estados Unidos, em que as pessoas se constroem dentro da mesma lógica capitalista. Certamente, esse é um dos primeiros impactos para um leitor desavisado sobre como se configuram as literaturas africanas contemporâneas e qual universo retratam. No trecho a seguir, um dos capítulos iniciais do livro, há a reação de Obinze ao saber (através de um BlackBerry) sobre a volta de Ifemelu à Nigéria após tantos anos.

Quando Obinze viu o e-mail dela pela primeira vez, estava sentado no banco de trás de seu Range Rover no trânsito de Lagos, o paletó pendurado no banco da frente, uma criança pedinte de cabelos cor de ferrugem grudada no vidro da janela, um ambulante empurrando CDs contra a outra, o rádio ligado baixinho na Wazobia FM, que dava as notícias em inglês pidgin, e o cinza lúgubre da chuva iminente ao redor. Ele olhou fixo para o BlackBerry, com o corpo subitamente tenso. Primeiro passou os olhos pelo e-mail, desejando de imediato que fosse mais longo. (...) (Adichie, 2014, p. 26)¹⁴

No excerto supracitado é possível ver marcas de uma modernidade que ampliam a perspectiva e o conhecimento sobre o continente africano atual, no sentido de inserir o contexto compartilhado de uma leitura ocidentalizada nos romances africanos contemporâneos. Porém, é relevante destacar que o recorte colocado também coloca em xeque as contradições desse mesmo sistema capitalista, que incide de maneira ainda mais incisiva nas periferias das estruturas de poder e expande a desigualdade como um de seus subprodutos fundamentais.

Por outro lado, há outro fator muito relevante na obra de Chimamanda, que está apresentado desde o título, e diretamente relacionado ao mito do sonho americano, que é o sonho da inserção, tantas vezes imbricado e dissolvido em discursos que negligenciam a realidade que os limites materiais desafiam os próprios sonhos. Ifemelu passa toda a narrativa buscando uma identidade atrelada a uma utopia capitalista, mas ela não se resolve, pois não está ligada apenas ao plano simbólico do desejo. O sonho americano não se concretiza justamente porque não deve se realizar para determinada

¹⁴ When Obinze first saw her e-mail, he was sitting in the back of this Range Rover in still Lagos traffic, his jacket slung over the front seat, a rusty-haired child beggar glued outside his window, a hawker pressing colourful CDs against the other window, the radio turned on low to the Pidgin English News on Wazobia FM, and the grey gloom of iminente rain all around. He started at his BlackBerry, his body suddenly rigid. First, he skimmed the e-mail, instinctively wishing it were longer (...) (Adichie, 2013, p. 19)

parcela da população; deve permanecer sempre como horizonte a ser almejado, um fator que movimenta os ciclos de desigualdade sistematizada.

Ao final do enredo, a protagonista, após muitos entraves e reviravoltas, retorna à Nigéria e, lentamente, ao seu relacionamento com Obinze entre outras inúmeras situações que continuam a colocar seu processo de identidade em xeque. Em síntese, o quarto romance de Chimamanda consegue provocar discussões relevantes sobre a diáspora de mulheres negras na contemporaneidade ao passo que envolve um enredo carregado de significações para um público de diferentes localidades.

Considerações finais

Portanto, essa possível perspectiva de análise do romance *Americanah* pode trazer considerações relevantes sobre identidades femininas e o deslocamento espacial. Diante de situações diversas de opressão da mulher negra e imigrante, que está condiciona à questão material, a voz de Ifemelu (tanto em seu blog como quanto personagem de *Americanah*), se revela como base essencial na denúncia sobre a naturalização da opressão de mulheres negras durante sua trajetória. A escolha dos Estados Unidos da América como espaço da narrativa também revela o plano simbólico de um local que incita e emerge tais contradições de maneira tão emblemática.

Isto posto, o que o romance deixa, pois, é o sentido de que os deslocamentos espaciais, particularmente das mulheres negras em situação diaspórica, podem trazer à tona diversas questões sobre pertencimentos e identidades que são necessários tanto para a perspectiva individual como social, e que estão diretamente relacionados às condições materiais encontradas e vivenciadas nas experiências históricas.

Em suma, uma leitura que procura dar sentido à totalidade da trajetória da protagonista, oferecendo percepções e possibilidade de transformação diante do mundo, evidencia uma leitura atrelada à história e a estética da ficção que dimensiona as rupturas e tentativas de ruptura potencializadas na obra, no discurso da protagonista e nas contradições das realidades estabelecidas. Por isso, ao analisar as histórias de mulheres africanas no contexto contemporâneo, tanto de autoras quanto suas personagens, é possível compreender o tamanho da relevância que é a inscrição de tais textos como garantia de enfrentamento ao sistema que, constantemente, busca silenciar essas identidades das mais variadas formas.

REFERÊNCIAS

RE-UNIR, v. 11, n. 2. p. 139-153. 2024. ISSN – 2594-4916

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. London: Fourth Estate, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. *Ted Talks*, 2009. Disponível em:
<http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br>. Acesso em: 26 dez. 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. We should all be feminists. *Ted Talks*, 2013. Disponível em:
<https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_we_should_all_be_feminists>
Acesso em: 26 dez. 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Trad. Julia Romeu São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio Sol Amarelo*. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. *A History of Nigeria*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 2. ed., 2017.
- RODRIGUES, Ângela Lamas. *A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.